

## INCLUSÃO NA ESCOLA: COMO OCORRE NA PRÁTICA

Edineide Araújo da Silva<sup>1</sup>  
Maria Sonia Resende Noletto<sup>2</sup>  
Elissandra de Lima Gouveia de Moraes<sup>3</sup>  
Francisneire Anisia da Silva<sup>4</sup>  
Livia de Oliveira Teixeira Dias Carvalho<sup>5</sup>  
Iniss Pozzobom Costa Mews<sup>6</sup>

**RESUMO:** No decorrer deste artigo, podemos registrar como a inclusão escolar é enfrentada e estabelecida nas escolas. Os alunos com deficiência buscam aprendizado e não importa como serão aplicados os conteúdos, podendo até ser da mesma forma para os demais alunos. Os docentes que atuam nas escolas regulares estão cada dia se surpreendendo com os alunos especiais que chegam em suas salas. Muitos não sabem o que fazer, mas aqueles que realmente se preocupam com o aprendizado do aluno vão em busca de aprimoramento no conhecimento e conseguem realizar a aprendizagem significativa para seus estudantes. Para que a inclusão ocorra de forma humanizada e igualitária, podemos começar pela forma de ensino e de socialização entre alunos e professores. As escolas se adaptam na estrutura física bem como na pedagógica. Pode ocorrer o caso de despreparação pedagógica, mas ambas podem ser aprimoradas por meio de cursos de capacitação e de formação continuada. Com força transformadora, podemos ter uma visão de uma educação inclusiva apontada para uma sociedade inclusiva e mais humana. Inclusão escolar é acolher todas as pessoas, diferentes ou não, no sistema de ensino, independentemente de cor, de classe social e de condições físicas e psicológicas.

**Palavras – chave:** inclusão escolar, aprendizagem significativa e humanizada.

## INCLUSION IN SCHOOL: HOW IT OCCURS IN PRACTICE

**ABSTRACT:** In this paper, we register as school inclusion is met and established in schools. Students with disabilities seek learning and no matter how it will be applied to the content, and May even be the same for the other students. The teachers working in mainstream schools are

<sup>1</sup> Pós-graduada em Psicopedagogia - Ciências da educação, em Faculdade Afirmativo – IMP. Graduada em Pedagogia pelas Faculdades Unidas do Vale do Araguaia (UNIVAR). E-mail: edineidearaujodasilva12@gmail.com.

<sup>2</sup> Pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional Graduada em Pedagogia pelas Faculdades Unidas do Vale do Araguaia (UNIVAR). E-mail: mariasonia.m@gmail.com.

<sup>3</sup> Mestra em Língua e Interculturalidade pela Universidade Estadual de Goiás (POSLLI/UEG). Especialista em Ciências da Educação – Psicopedagogia pelas Faculdades Integradas de Várzea Grande (FIV). Graduada em Pedagogia e em Letras/Inglês. Professora da Rede Municipal de Ensino de Barra do Garças-MT. Docente no Centro Universitário Cathedral – UniCathedral. E-mail: elissandra..moraes@unicathedral.edu.br.

<sup>4</sup> Pós-graduada em Educação e Gestão Ambiental. Graduada em Ciências Biológicas pela UFMT. Pedagogia – Faveni. E-mail: francisneire@prof.immc.com.br.

<sup>5</sup> Mestra em educação pela PUC Goiás. Psicóloga (univar), pedagoga (Unicathedral) licenciada em Educação física. (UFMT). Especialista em Gestalt Tetapia, em gestão escolar, Especialista em docência na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental com ênfase em psicopedagogia. Especialista em Análise do Comportamento Aplicada (ABA).

<sup>6</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguagem, Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual de Goiás (POSLLI/UEG). Pós-graduada em Fundamentos da Educação no Ensino Técnico e Tecnológico (UFMT). Graduada em Turismo pela UNEMAT e Letras-Inglês pela UFMT. Docente no Centro Universitário Cathedral – Unicathedral. E-mail: iniss.pozzobom@unicathedral.br.

every day being amazed by the special students arriving in their rooms, many do not know what to do, but those who really care about student learning, go on improving search knowledge and can achieve meaningful learning for their students. For inclusion occur in a humane and equitable manner, we can start by way of education and socialization among students and teachers. Schools adapt the physical structure and in teaching may be the case of pedagogical, but both can improve through training courses and continuing education. With transforming power, we can have a vision of inclusive education pointed to an inclusive and more humane society. School inclusion is to welcome all people, different or not, the education system, regardless of color, class and physical and psychological conditions.

**Keywords:** school inclusion, meaningful and humane learning

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394/96, no capítulo V, artigo 58, a educação especial é “[...] a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais” (BRASIL, 1996). Já o Art. 5º, inciso I, da Resolução CNE/CEB nº02/01 considera a educação especial como modalidade de ensino responsável pelo atendimento dos “educandos com necessidades educacionais especiais”, sendo que estes seriam aqueles que “[...] durante o processo educacional apresentarem dificuldades acentuadas de aprendizagem ou limitações no processo de desenvolvimento que dificultem o acompanhamento das atividades curriculares” estando, ou não, “vinculadas a uma causa orgânica específica” (BRASIL, 2001).

A educação inclusiva é um processo no qual se unem todos os estudantes no ensino regular. É uma forma de estruturar a cultura, a prática, que vivenciam nas escolas. É uma forma de educação humanística aplicada nas escolas, que é amorosa, democrática, mas, de forma alguma, piedosa; que percebe a singularidade de cada um, e tem como objetivo o crescimento, o prazer pessoal e a inserção social de todos, é uma porta que se abre para aperfeiçoar a educação escolar em prol dos alunos com ou sem deficiência.

De acordo com Giroux (1997, p. 14), “[...] a Educação Inclusiva traz uma contribuição para uma Educação diferente, transformadora, que vai além da visão neoliberal de capacitação”. Por meio do convívio com a diversidade e utilizando-se de toda a sua riqueza, espera-se ajudar na formação de indivíduos mais críticos para decidir, e não para servir.

O foco da educação inclusiva é incluir as pessoas com algum tipo de deficiência na sociedade, por intermédio da escola e, ao contrário do que muitas acreditam, ela não ajuda apenas as pessoas portadoras de necessidades especiais, como também aqueles ditos “normais”, pois, por meio dela, tanto um quanto o outro tem a oportunidade de conhecer e de entender as diferenças de ambos.

A Declaração de Salamanca ressalta que a escola inclusiva propicia um ambiente favorável à aquisição de igualdade de oportunidade e de participação que todas as crianças devem ter. Sempre que possível, aprender juntas, independente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Para isso, devem receber, quando necessário, o suporte extra requerido para assegurar uma educação efetiva. O princípio norteador da Declaração de Salamanca diz que:

Todas as escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente das suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Devem incluir crianças deficientes ou superdotadas, crianças de rua e que trabalham, crianças pertencentes à minoria linguística, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos em desvantagens ou marginalizadas. (BRASIL, 1996).

A maioria das escolas, no entanto, está longe de viabilizar a inclusão. Na prática, o que tem acontecido são escolas que recebem alunos com deficiência, mas que os segregam dentro do próprio ambiente escolar, criando, por exemplo, salas especiais. Muitas alegam que esta prática acontece devido ao despreparo dos professores ou porque não acreditam no benefício que tais crianças podem ter ao frequentar o ensino regular, afirmando que jamais vão conseguir aprender, por exemplo.

Ao olhar para a escola de acordo com o pensamento de Foucault (2003), entendendo-a como uma instituição disciplinar marcada pelo pensamento moderno, é possível afirmar que seus pressupostos baseiam-se num desejo de ordenação e de organização, o que pode ser aproximado daquilo que este autor chama de normalização disciplinar.

A normalização disciplinar consiste em primeiro colocar um modelo, um modelo ótimo que é constituído em função de certo resultado, e a operação de normalização disciplinar consiste em procurar tornar as pessoas, os gestos, os atos, conformes a esse modelo, sendo normal precisamente quem é capaz de se conformar a essa norma e o anormal quem não é capaz. Em outros termos o que é fundamental e primeiro na normalização disciplinar não é o normal e o anormal, é a norma. (FOUCAULT, 2008, p.75).

A escola deve ser capaz de atender seus alunos em suas especificidades e singularidades e isso é válido para todos, não só para os que possuem algum déficit. Todas as pessoas apresentam diferentes características, se sobressaem em algumas áreas e apresentam dificuldade em outras, e isso precisa ser respeitado e levado em conta na hora da aprendizagem e do convívio social.

## 2 COMO É VISTA A INCLUSÃO ESCOLAR NA PRÁTICA?

As Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, Resolução CNE/CBE nº 2/2001 determinam no art. 2º que os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo às escolas organizarem-se para o atendimento ao educando com necessidades educativas especiais, assegurando as condições necessárias para uma educação de qualidade para todos. (MEC/SEESP, 2001).

Mas, na prática infelizmente, ainda hoje, isso não existe. A Educação Inclusiva favorece a diversidade, pois ela considera que todos os alunos podem ter em algum momento de sua vida escolar, necessidades especiais. Ela está atenta às diversidades educacionais especiais de todos os alunos, em salas de aula comuns, no sistema regular de ensino, com o objetivo de promover a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal de todos.

Porque a inclusão é difícil de ser aceita? Paradoxalmente, responderíamos de maneira bem objetiva essa questão, dizendo que a inclusão é difícil de ser aceita porque somos humanos. Ora, se somos humanos, somos membros de uma espécie. Uma espécie que tem nas suas condutas atuais, longos processos biológicos que se evoluíram, que se desenvolveram. Não é possível dizermos ao ser humano para que não tenha raiva, não se apaixone, não se emocione, porque isso está escrito em sua essência humana, em sua raiz biológica. E, sob certos aspectos, o preconceito, que nos induz à exclusão, está escrito em nossa história biológica.

Não é possível dizermos a uma pessoa para que não tenha preconceito, como não é possível, não é realista, dizermos não tenha raiva, que não tenha amor, que não tenha ciúme. Temos que aceitar que o preconceito é uma característica da espécie e temos que aprender a trabalhá-lo, mas não o refutar, como se fosse uma opção de natureza cultural, da qual a pessoa se libertaria por uma simples ordem. Por que o preconceito está entranhado em nossa história biológica? Porque em sermos humanos, somos naturalmente preconceituosos. A resposta a esta pergunta nos remete aos termos que usamos na abertura: porque temos um passado histórico, biológico, antropológico, muito distante e muito marcado pela fragilidade e que nos tornava muito hostil ao que era diferente. Então, nos agarrávamos com afeição denodada à mãe, ao pai, eventualmente a um irmão, porque eles nos eram parecidos e tudo quanto diferenciava daquele padrão nos causava susto. Isto veio se acumulando em nossa história biológica. Com força transformadora, a educação inclusiva aponta para uma sociedade inclusiva e mais humana.

Muitas pessoas não entendem que inclusão escolar é acolher todas as pessoas, diferentes ou não, no sistema de ensino, independentemente de cor, classe social e de condições físicas e psicológicas. Como diz Freire:

[...] a igualdade vai se tornando difícil de constatar quanto mais descrevemos o gesto em detalhes. Neste caso, a igualdade vai desaparecendo e a diferença mostrando seus contornos com mais força. [...]. Força da totalidade, porém, já não faria sentido estabelecer a comparação... (FREIRE, 1991, p.87).

Isso é uma verdade, pena que muitos fecham os olhos ao invés de fazer algo que possa contribuir para essa mudança. Desenvolver uma concepção inclusiva e ajudar a construir uma escola verdadeiramente inclusiva, implica em nos libertarmos de cinco medos. Não cremos que todas as pessoas tenham os cinco medos, talvez alguns possam ter todos, outros possam ter alguns, mas cremos ser importante discriminá-los um a um, para que possamos, numa autoanálise, percebermos se ele está presente em nossa comunidade, na nossa família, na nossa escola, para ajudarmos outras pessoas a se libertarem.

Muito se tem falado sobre o processo de inclusão, e quase sempre com o sentido de que inclusão e integração escolar seriam sinônimas, conforme afirma Giroux. Na realidade, integração insere o sujeito na escola na esperança de uma adaptação deste ao ambiente escolar já estruturado, enquanto a inclusão escolar implica o reestabelecimento de estruturas físicas da escola, de atitudes e de percepções dos educadores, entre outros. Como fala Santos (2001, p.33):

O oferecimento da Escola Especial como um serviço, de maneira separada, cujo objetivo era a educação de pessoas portadoras de deficiência, normalmente era realizado em ambientes especializados e com características de tratamento, implicando a existência de dois sistemas de educação paralelos: o regular e o especial.

Promover a inclusão de diferentes significa uma mudança de postura e de olhar acerca da deficiência, uma quebra de paradigmas, de reformulação do nosso sistema de ensino para a conquista de uma educação de qualidade, na qual o acesso, o atendimento adequado e a permanência sejam garantidos a todos os alunos, independentemente de suas diferenças e necessidades.

Como diz o poema de Roseane Murray:

Caminhar sobre a espessa ponte de nuvem e mistério: Na outra margem o outro é espelho, meu semelhante tão igual e tão diverso. Em seus olhos há um barco ancorado à espera, faço do meu hálito o vento. Há sempre um possível encontro, um silêncio de frutas e flores para ser colhido Todo homem é enigma (ARIAS, 1999, p.105).

De fato, muitas pessoas diante de um problema vivem como diz esse poema, ou seja, se escondem em algo enquanto a realidade poderia ser outra.

Para Bueno (1999, p. 34), é necessário capacitar dois tipos de professores: professores do ensino regular com formação básica, incluindo formação para lidar com a diversidade, e professores especializados que trabalhariam como equipe de atendimento e apoio. Essa capacitação é sugerida inclusive pelas Diretrizes Nacionais à Educação Especial na Educação Básica. (MEC, 2001).

O medo do despreparo é uma angústia criada pelo professor, fazendo com que nunca esteja preparado, usando argumentos, como: “não aprendi isso”, “o curso não me habilitou para resolver este problema”. Realmente, é autêntico, é verdadeiro, mas podemos fazer parcerias. Vivemos num mundo onde a comunicação se pluralizou. Hoje em dia, não há uma comunidade, por mais distante que seja, que não tenha alguém, às vezes até alguém que não é ligado à escola, que não tenha acesso à internet. Esse medo do despreparo é superado quando há uma consciência de coletividade. Se aquele diretor, gestor, coordenador da escola disser aos professores para criarem na equipe docente, sem abandono de suas funções habituais, uma função de especialista, delegando que alguns lerão tudo sobre o déficit de atenção, alguns outros lerão tudo sobre dislexia, alguns lerão sobre Asperger, alguns lerão tudo sobre outras deficiências, não abarcaremos todas, mas criaremos uma equipe dentro da escola por meio da qual saberemos um pouco mais e, principalmente, saberemos acessar o que não saberemos para nos ajudar a resolver esses problemas.

Sem dúvida, um profissional competente que se dedique a causa faz toda a diferença na Educação Inclusiva, pois não basta apenas falar bonito, e sim, colocar na prática com competência e dedicação. Para fazer a inclusão de verdade e garantir a aprendizagem de todos os alunos na escola regular, é preciso fortalecer a formação dos professores e criar uma boa rede de apoio entre os alunos, docentes, gestores escolares, famílias e profissionais de saúde que atendem as crianças com Necessidades Educacionais Especiais.

Para Martins (2003, p.23):

A educação destinada às pessoas com deficiência foi realizada, tradicionalmente, de forma separada daquela dirigida aos alunos considerados normais [...] formaram-se então, dois sistemas separados: o regular e o especial, envolvendo pressupostos político-educacionais específicos, formas de administração e pessoal técnico pedagógico.

O processo de inclusão deve ser feito com bastante cautela, respeitando as dificuldades e o tempo de cada criança. Não basta a escola, os alunos e os professores estarem preparados

para receber uma criança com deficiência, é preciso também que a própria criança esteja pronta para este novo espaço social. Cada caso deve ser tratado em sua singularidade e um trabalho de preparo anterior feito com a criança e sua família é fundamental. Assim, uma criança que nunca esteve na escola, que não teve contato com outras crianças, que teve seu convívio social restrito ao ambiente familiar, precisa de todo um trabalho para poder ser inserida na escola regular. Se isto for feito de forma abrupta, sem um preparativo, a inclusão tem grande risco de ficar fadada ao fracasso. Com a educação separada, pode-se perceber que o aluno com deficiência se sentia diferente, pois não podia aprender igual aos alunos sem deficiência, considerados normais. A exclusão fez com que esses alunos não se interessassem pelos estudos. Mas, com a inclusão, foi possível perceber o interesse dos alunos com deficiência tornando-os aptos à aprendizagem, pela interação com os alunos considerados normais e o ensino sendo somente regular.

Para Staimback e Staimback (1999), o educador pode desempenhar um importante papel na percepção dos alunos de que esses têm potencialidades e limitações diferentes. Sugerem propostas de atividades em que os alunos sejam estimulados sobre suas habilidades e identificadas suas limitações.

De acordo com os dois autores:

Gerando respostas dessa maneira, os alunos e o professor podem ver que todos têm aptidões e habilidades e que todos precisam de ajuda em algumas áreas. Karen pode ser ótima em leitura, mas pode precisar de ajuda nas brincadeiras no playground. Carmen pode ter dificuldade em matemática, mas é ótima para lembrar-se de coisas e organizar pessoas e atividades. As salas de aula podem tornar-se comunidades de apoio mútuo se os professores promoverem o respeito pelas diferenças e proporcionarem oportunidades diversificadas para os alunos enxergarem uns aos outros de muitas maneiras. (STAIMBACK e STAIMBACK, 1999, p. 299).

A inclusão não é uma tarefa fácil, mas é, sem dúvida, possível. Assim como todos podem ter habilidade em algo somando aos outros, podemos realizar uma aula bem significativa utilizando as habilidades de todos. E se a realidade enfrentada é difícil, faz-se necessário buscar formas para mudá-la: salas lotadas; alunos indisciplinados; quadro negro e giz na maioria das escolas, enquanto existem novas tecnologias que, muitas vezes, não são disponibilizadas para uso, por medo de que os alunos quebrem, ficando, por isso, "bem guardadas" e trancadas; esses são alguns dos entraves. Isso, quando existe mobiliário e ambiente adequados para que os alunos estudem.

## 2.1 – INSERIR A MÚSICA COMO RECURSO PEDAGÓGICO

Como pode ser visto diante das práticas diárias dos docentes, a educação em qualquer modalidade de ensino, sempre está em busca de novos instrumentos que facilitem o seu processo de utilização e por consequência atinjam de forma mais satisfatória os seus objetivos principais, dentre eles: desenvolver cidadãos críticos, conscientes de seus atos, bem como proporcionar o desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo.

Além das comuns ferramentas à disposição do docente, a busca por estímulos visuais e sonoros vem crescendo por decorrência, também, do avanço da mídia, embasada no pressuposto de que a educação tem que ser um reflexo, mais apurado, da realidade social de cada educando. Segundo Basso e Marques *in* Harlos (2009):

As mudanças políticas, econômicas e culturais que ocorrem na sociedade, atualmente, e o grande volume de informações estão se refletindo no ensino, exigindo, desta forma, que a escola seja um ambiente estimulante, que possibilite à criança adquirir o conhecimento de maneira mais motivada em movimentos de parceria, de trocas de experiências, de afetividade, do ato de aprender a desenvolver o pensamento crítico reflexivo.

Por mais difícil que seja defini-la, a música sempre manteve relações estreitas com o homem. O som só é propagado através da movimentação de partículas no ar, apenas nessas condições, logo, deduz-se que o som passou a existir quando houve condições à vida no planeta, mas quando estes sons se organizaram em forma de música, ou se realmente ocorreu desta forma sistematizada, não sendo os dois uma coisa só, não se sabe, apenas sabe-se que faz muito tempo. Segundo Fonterrada (2003, p. 18):

Na Grécia antiga, acreditava-se que a música era capaz de interferir no humor dos cidadãos, por isso não deveria ser deixada apenas nas mãos dos artistas. Em Esparta, acreditava-se que a música ajudava na formação do caráter e de cidadania, dando aos jovens o senso de ordem, dignidade e obediência as leis.

Pode-se dizer que a música tinha funções que superavam apenas a sua prática, ela geralmente era utilizada como meio para o desenvolvimento de vários aspectos considerados importantes na época e na sociedade que viviam. Geralmente, essa prática era incentivada pelos líderes da comunidade que queriam o seu povo mais bem preparado para conviver harmoniosamente em sociedade.

Na Idade Média, o que se viu foi a associação da música com os ritos de louvor a Deus, já que nesta época o cristianismo crescia na sociedade.



No início do século XX, com a chegada das tecnologias, ainda que robustas, a música começou cada vez mais a atingir uma pluralidade maior de pessoas. Com as transmissões radiofônicas e a ocorrência frequente de festivais juntamente com o início dos registros por meio de gravações de compactos (disco de vinil inicialmente), a música e os jovens tinham mais a dizer. De acordo com Santini (2005, p. 16), “Em um momento da história, em que a insatisfação era comum, principalmente os jovens, começaram a dar ritmo e harmonia a seus pensamentos. E assim, a música começou uma escala sem precedentes para a popularidade”.

No final do século XX e início do século atual, a música e o mundo virtual se encontram e tornam-se uma dependente da outra. Os computadores e a internet mudaram a forma de produzir, trocar e ouvir música. Com poucos recursos, é possível produzir e reproduzir as músicas dentro de um espaço onde não há fronteiras nem limite de tempo. A música passa a ser disseminada intensamente pelos seus admiradores. Várias questões passam pelos pensamentos do docente na elaboração de um plano de aula que objetiva utilizar a música. A maneira pela qual o conteúdo é exposto aos educandos pode, de certa forma, aproximar ou distanciar tal conteúdo para o conhecimento proposto.

A música, neste contexto, pode ser utilizada como uma ponte que motiva professor e aluno. Gaio e Meneghetti (2004, p. 98):

Refletem que é na sala de aula que o aluno revela suas facetas, mostrando seus monstros internos ou sua genialidade até então desconhecida. É nesse espaço que o sujeito é obrigado a conviver com outros sujeitos, tendo eles pensamentos diferentes dos seus. O aluno traz para sala de aula atitudes normais do seu cotidiano, não conseguindo deixar de lado a sua bagagem histórica.

A música pode revelar como o indivíduo vê a sociedade em que vive e é a partir da análise das letras e da expressão corporal que o aluno pode demonstrar o que se subentende ser visão que ele tem do mundo e dos valores humanos. Não somente isso, a música pode ser o ponto de partida para a busca de inúmeras informações e da valorização da cultura de um povo.

Preparar os alunos para que possam desempenhar funções motoras e cognitivas, bem como relacionar-se bem com o meio social pode ser uma tarefa difícil de se executar, quando não se coloca isto como objetivo principal. As ferramentas de trabalho caem para os docentes como artifícios facilitadores deste processo.

A música não somente é uma simples ferramenta, além de ter fácil acesso, ela não necessita, necessariamente, de mais nada além de alunos e professores. O som uma vez produzido, tanto por instrumentos elétricos ou pelo corpo como assobios e palmas, pode

transportar os alunos para um mundo de aprendizado amplo em que a intensidade deste processo varia de acordo com as diferenças individuais.

Partindo do que Weigel (1988, p. 10) entende pelos componentes formadores da música, destaca-se:

- a) SOM: são vibrações plausíveis à audição que estão sequenciadas em um intervalo de tempo regular;
- b) RITMO: é o tempo de ressonância dos sons, podendo ser eles longos ou curtos;
- c) MELODIA: é o sequenciado rítmico que foi ordenado adequadamente;
- d) HARMONIA: é o que combina os sons simultaneamente de forma harmoniosa e melódica.

Tem-se, assim, um ponto de partida para a compreensão do quão a música pode ser eficaz na educação para qualquer aluno e principalmente para os deficientes motores. Na escola, principalmente nos primeiros anos escolares, as crianças passam a desenvolver seus aspectos cognitivos, motores, linguísticos e psicomotores.

O desenvolvimento psicomotor ocorre com o apoio da música, uma vez que o ritmo é uma sequência que gera movimentos, tais movimentos refletem numa bagagem psicomotora rica, já que o movimento é tudo na vida de qualquer pessoa e tão mais importante na vida de uma criança, pois sem ele a criança enfraqueceria física e mentalmente.

Para alunos com deficiência motora, o mesmo pressuposto é aplicado, pois eles apresentam algumas dificuldades que não os impedem de realizar as atividades, apenas necessitam de mais tempo. É o ritmo que ordena os movimentos e os estimula. Segundo Sekeff (2007 p 144):

Deficientes motores também encontram aqui um estímulo significativo por excelência, na medida em que o sistema motor é o primeiro a se desenvolver no feto. Como a atividade motora precede a sensorial, é natural que a música (ritmo musical) seja tomada como um estímulo (motor) que vem de dentro para fora e não de fora para dentro, desempenhando assim forte ação sobre o indivíduo.

Percebe-se que a fala está voltada a apenas o ritmo, não levando em conta coreografias e danças que poderiam tornar o desenvolvimento mais complexo. Do mesmo modo, a música contribui para o aperfeiçoamento da questão cognitiva e linguística dos envolvidos. É por decorrência da convivência com o meio externo que a inteligência é formada, dependendo muito de estímulos recebidos, destacando que quanto mais estímulos, melhor. Com as informações obtidas os sujeitos são obrigados a criticar, mesmo que internamente, para analisar o que é válido, tomando assim caráter de conectividade.

Com os diversos estímulos que as experiências musicais proporcionam, o desenvolvimento intelectual é um caminho seguro. É tão seguro quanto o desenvolvimento linguístico, já que a música cantada tem como característica principal o som das palavras, que devem ser pronunciados de forma correta, respeitando sua língua de origem, obrigando assim um conhecimento gramatical e da língua envolvida que, por sua vez, desenvolve a linguagem oral, importante na comunicação das pessoas.

Outro ponto de destaque sobre os benefícios acerca da utilização da música é o desenvolvimento social/afetivo. As crianças, até a fase adulta, estão desenvolvendo sua identidade, passando pela autoaceitação e autoestima, tudo isso formado no convívio com os outros. Weigel (1988, p. 15) assegura que “O trabalho com a música pode proporcionar essa integração social, já que as atividades geralmente são coletivas e o trabalho em grupo produz compreensão, cooperação e participação.”

O desenvolvimento afetivo ocorre, pois há uma sensação de prazer que possibilita expressão dos sentimentos perante os outros, acarretando uma sensação de segurança. Ao expressar os seus sentimentos, ocorre o desenvolvimento da sensação de autorrealização. O aluno se sentirá satisfeito, ocorrendo assim, um verdadeiro prazer pela aprendizagem, interagindo e compartilhando os sentimentos com outros alunos e até mesmo com os professores.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Conclui-se que muito se falam sobre a Educação Inclusiva, mas o fato é que educando todos os alunos juntos, as pessoas com deficiências têm oportunidades de prepararem-se para a vida na comunidade, os professores melhoram suas habilidades profissionais e a sociedade toma a decisão consciente de funcionar de acordo com o valor social de igualdade para todas as pessoas, com os consequentes resultados de melhoria de paz social.

Trabalhar a inclusão é muito menos difícil do que se pensa, quando se tem equipe, quando o corpo docente é verdadeiramente corpo, quando há a unicidade de propósitos, quando todos buscam, de maneira integrada, este caminho. A inclusão é tarefa insuperável para aquela escola isolacionista, onde cada professor está centrado em seu mundo, em seus afazeres, envolvido por suas competências, esquecendo-se de que é membro de uma coletividade. Por isso, quando nos perguntam qual a mais extraordinária competência que se exige de um professor que verdadeiramente quer trabalhar a inclusão, não hesitamos, entre muitas que somos capazes de relacionar, a primeira é ser capaz de fazer-se membro de uma equipe e, dentro dessa

equipe, buscar caminhos e encontrar saídas. E, aí sim, vencer seus instintos e ser, dentro da humanidade, um novo homem, um novo ser humano, uma pessoa plenamente capaz de compreender o seu tempo e os novos paradigmas que esse novo tempo traduz.

A efetivação da inclusão exige a superação de vários desafios: estabelecimento de novas formas pedagógicas; capacitação dos professores para saber lidar com diferentes problemáticas; alunos e famílias devem aprender a aceitar as diferenças e o próprio aluno deficiente precisa participar ativamente de seu processo de inclusão. Assim, para conseguir o ensino inclusivo, os professores regulares e especiais, bem como os recursos, devem aliar-se em esforço unificado e consistente.

Algum professor já tem claro que a inserção é possível, porque tiveram especiarias que lhes demonstraram essa possibilidade; outros estão em busca dessa certeza e se empenham por encontrá-la em suas aulas nos cursos e nos grupos de estudos que frequentam.

O apoio aos professores é muito importante nesses momentos, para que o problema seja encarado na sua devida dimensão. Essa ajuda deve vir de outros colegas mais experientes e mesmo de pessoas que compõem o grupo de trabalho pedagógico das escolas: diretor, especialistas, mas a orientação do suporte técnico devesse recair sobre as situações práticas de ensino apontado pelo professor.

É importante ressaltar que inclusão não significa tratar a todos como iguais, anulando as diferenças. A diversidade é um elemento extremamente enriquecedor para a aprendizagem. Os alunos devem, portanto, perceber, identificar e saber lidar com as diferenças. A tentativa de normatizar uma criança pode ser tão ou mais violenta que a exclusão. Assim, um aluno com paralisia precisa saber de suas limitações, mas isto não significa que seja incapaz de realizar muitas atividades e de estabelecer amizades. Não devemos esquecer: a educação é direito de todos!

#### **4 REFERÊNCIAS**

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Secretaria de Educação. MEC, 1996.

BASSO e MARQUES. Buscando e (re)buscando a práxis pedagógica in HARLOS. Congresso Nacional – **Constituição da República Federativa do Brasil – Brasília** – Senado Federal, 1988.

CONGRESSO NACIONAL – **lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, 1996.

Conselho Nacional de Educação – **Câmara de Educação Básica** Resolução CNE/CNB n.2 de 11 de setembro de 2001 – Brasília.

FIGUEIRA, E. **A Imagem do Portador de Deficiência Mental na Sociedade e nos Meios de Comunicação** – Ministério da Educação – Secretaria de Educação Especial. Fonte: PORTAL EDUCAÇÃO – Cursos Online: Mais de 1000 cursos online com certificado <http://www.portaleducacao.com.br/pedagogia/artigos/2284/inclusao-escolar-um-desafio-entre-o-ideal-e-o-real#ixzz2j7MPBdge>

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira, **De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação**. 2003 São Paulo SP, Editora UNESP.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

GAIO, Roberta, MENEGHETTI, Rosa G. Krob. **Caminhos Pedagógicos da Educação Especial**, 2ª edição Petrópolis, SP, Vozes, 2004.

HARLOS, Franco Ezequiel (Org.) **Vida Docente Escrever é Preciso**. Bauru - SP Canal6, 2009.

JEANDOT, Nicole, **Explorando o universo da música**, Scipione São Paulo 2ª edição, 1997.

MEC – Ministério de Educação – **Secretaria de Educação Especial POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL**, Brasília MEC – SEEDSP 1994.

MENEZES, Eder. *et al.* **Currículo básico para a escola pública municipal**. Cascavel: Assoeste editora LTDA, 2010.

Mídia e Deficiência – Brasília Andi, **Fundação Banco do Brasil** 2003- série diversidade.

Ministério da Justiça – **DECLARAÇÃO DE SALAMANCA E LINHA DE AÇÃO SOBRE NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS** – Brasília, Corde, 1997.

Montoam, Maria Tereza Eglér e colaboradores, **INTEGRAÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA** – editora Memnon edições científicas Itda, 1997.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de **Metodologia da pesquisa: Abordagem teórico-prática**-10ª ed. rev.e atual"- Campinas, SP: Papyrus, 2004. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

PESTALOZZI BRASIL. **Quem somos**.

Poso, Juan Ignácio – **Aprendizes e mestres: a nova cultura da aprendizagem** Juan Ignácio Pozo; trad. Emani Rosa – Porto Alegre: Artmed 2002.

Referenciais para Construção de Sistemas Educacionais Inclusivos-Fundamentação Filosóficos a História a Formação-EDUCAÇÃO INCLUSIVA

SANTINI, Rose Marie, **Admirável Chip Novo**, a música na era da internet, 1ª edição Rio de Janeiro, RJ, E-Papers 2005

SCHAFER, R. Murray. **O Ouvido pensante**. Usp São Paulo SP 1991.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, **Diretrizes Curriculares para Educação Especial para a Construção de Currículos Inclusivos**, Curitiba, 2006

SEKEFF, Maria de Lourdes. **Da Musica: Seus Usos e Recursos**, Editora Unesp São Paulo-SP 2007

WEIGEL, Anna Maria Gonçalves, **Brincando de música**. Porto Alegre RS, Kuarup, 1988.

YUS, Rafael – **Educação Especial Uma Educação Holística para o séc, XXI**, Tradução. Daisy Vaz de Moraes – Porto Alegre, ARTIMED, 2002.